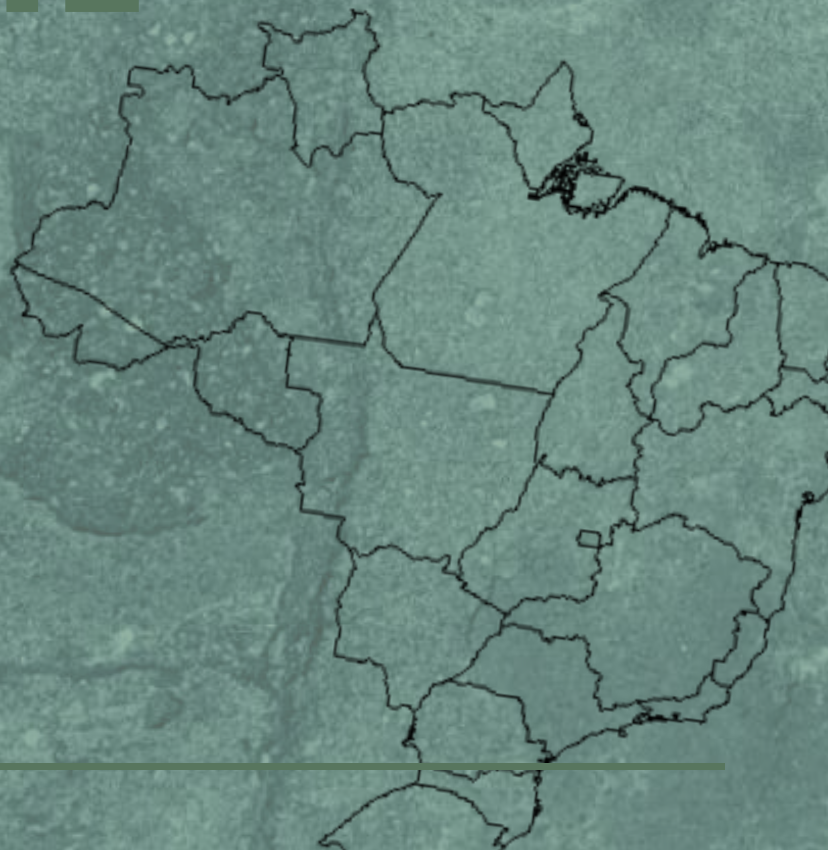


ABRIL - JUNHO 2021

Nº6
BOLETIM
TRIMESTRAL

**OBSERVATÓRIO
DA VIOLÊNCIA
POLÍTICA E
ELEITORAL
NO BRASIL**



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UniRio
Centro de Ciências Jurídicas e Políticas - CCJP
Escola de Ciência Política - ECP
Grupo de Investigação Eleitoral - GIEL

Coordenação Geral

Felipe Borba

Cientista político e Coordenador do Grupo de Investigação Eleitoral

Equipe de Trabalho

Miguel Carnevale

Bolsista de iniciação científica, CNPq

Pedro Bahia

Bolsista de iniciação científica, Faperj

Projeto Gráfico

Potentia Assessoria e Consultoria Política

Financiamento

Fundo Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro - Faperj

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

O Conteúdo desse material pode ser reproduzido total ou parcialmente em qualquer forma e em qualquer meio de comunicação desde que a fonte seja devidamente citada.

Para maiores informações sobre esta publicação, acessar www.giel.uniriotec.br ou enviar correio eletrônico para [giel@unirio.br](mailto:guel@unirio.br)

SUMÁRIO

04

APRESENTAÇÃO

05

**OS NÚMEROS DA
VIOLÊNCIA**

06

**OS TIPOS DE
VIOLÊNCIA**

07

**AS VÍTIMAS DA
VIOLÊNCIA**

08

**OS PARTIDOS POLÍTICOS
ATINGIDOS**

APRESENTAÇÃO

Na sexta edição do boletim trimestral do Observatório da Violência Política e Eleitoral, apresentamos os casos referentes ao período entre os dias primeiro de abril e 30 de junho de 2021.

Neste trimestre, importantes acontecimentos marcaram a política nacional. O principal deles foi o início dos trabalhos da CPI da Covid, instalada oficialmente em 27 de abril no Senado Federal, para investigar omissões e irregularidades nas ações do governo federal durante a pandemia de Covid-19 no Brasil – até a data de encerramento da edição deste boletim, o país ultrapassava a impressionante marca de 518 mil óbitos.

O trimestre foi marcado também pelo avanço das manifestações de rua contra e a favor do governo federal. De maio a junho, apoiadores do presidente Bolsonaro organizaram eventos que ficaram conhecidos como Motociatas – atos com motociclistas - em quatro cidades (Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Chapecó).

Os grupos contrários ao governo federal, por sua vez, ocuparam as ruas nos dias 29 de maio e 19 de junho. Essas manifestações foram impulsionadas pelas revelações da CPI da Covid de negligência na gestão da pandemia e de possíveis desvios de verbas destinadas à compra de vacinas no Ministério da Saúde. Entre as pautas, manifestantes reivindicavam o impeachment do presidente e o retorno do auxílio emergencial.

Nesse novo número, os principais destaques relativos ao segundo trimestre de 2021 são:

- 80 casos de violência foram encontrados. Em comparação ao primeiro trimestre do ano, houve recuo de 10,1%.

- 23 estados tiveram ao menos um caso de violência. Não foram encontrados episódios de violência contra lideranças políticas do Amapá, Goiás, Rio Grande do Norte e Roraima.
- São Paulo foi a unidade da federação com o maior número de casos (13), seguido por Bahia (11), Paraná (7) e Espírito Santo (6).
- Foram contabilizados 30 homicídios no trimestre. As mortes aconteceram em 15 dos 27 estados brasileiros, com destaque para a Bahia com cinco.
- 22 partidos foram atingidos pela violência. MDB e Podemos foram os partidos mais atingidos neste trimestre.

O boletim do Observatório da Violência Política e Eleitoral é uma publicação realizada pelo Grupo de Investigação Eleitoral da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (GIEL/UNIRIO), com apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

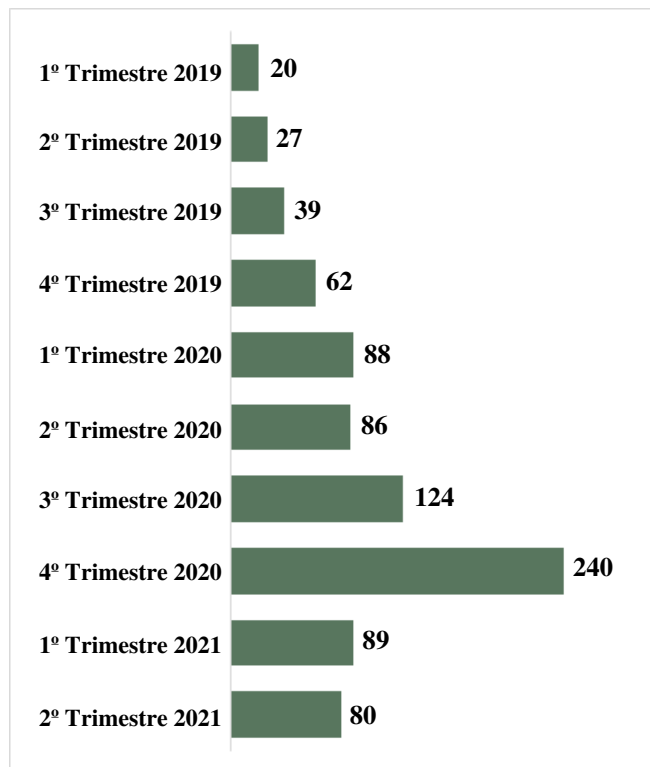
Para conhecer maiores detalhes sobre os objetivos e a metodologia do boletim, convidamos você a visitar a nossa página eletrônica no endereço giel.uniriotec.br.

Contamos com a boa acolhida de nosso boletim pela comunidade científica brasileira e demais interessados. Comentários, críticas e sugestões podem ser encaminhadas para o e-mail giel@unirio.br.

OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA

O segundo trimestre de 2021 manteve números muito semelhantes aos obtidos no primeiro trimestre do ano. Foram registrados 80 novos casos entre o início de abril e o final de junho de 2021. Este valor representou uma diminuição de apenas 10,1% em relação ao trimestre anterior. Por outro lado, o período atual é mais violento do que o primeiro trimestre do início da série, em 2019.

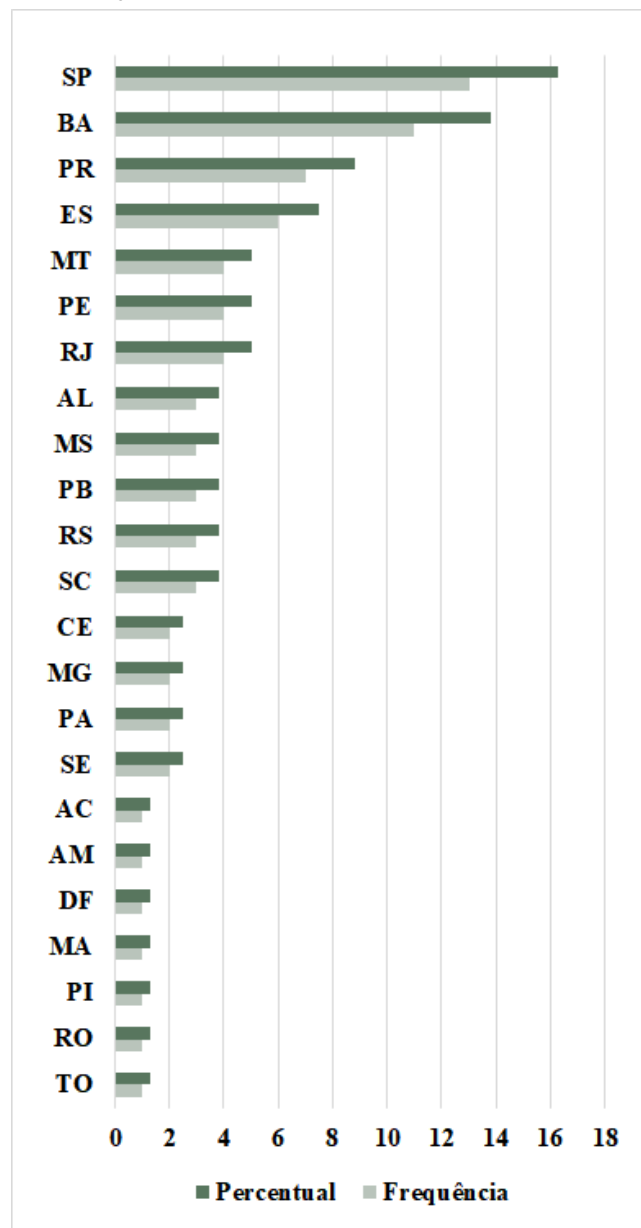
Gráfico 1: Evolução do número de casos de violência contra lideranças políticas



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Entre abril e junho de 2021, foram registrados casos de violência contra políticos de 23 estados. As regiões Nordeste e Sudeste lideraram as estatísticas de violência, com a ocorrência de 27 (33,8%) e 25 (31,3%) casos, respectivamente. A região Sul aparece em terceiro, com 13 (16,3%), à frente das regiões Centro-Oeste com oito (10%) e Norte com seis (7,5%).

Gráfico 2: Violência contra lideranças políticas por Unidade da Federação (2º trimestre de 2021)



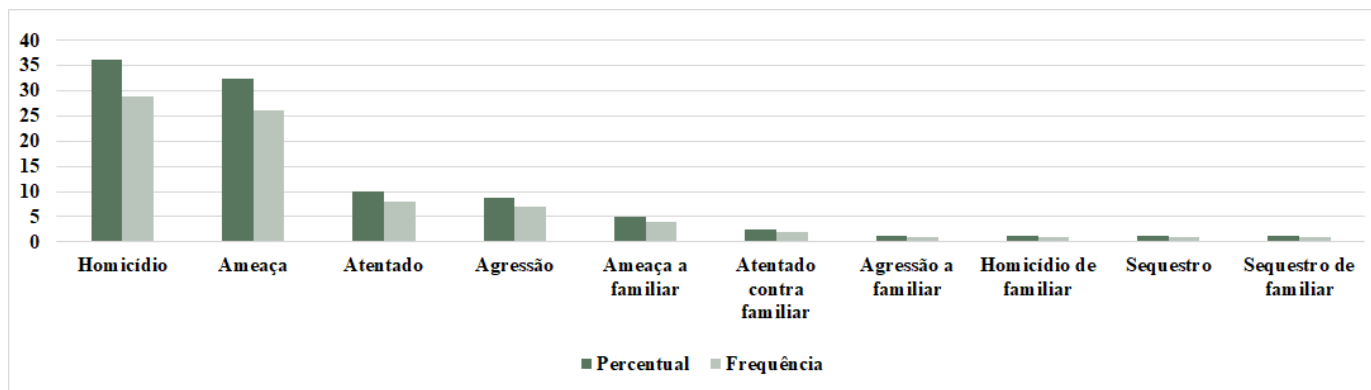
Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

São Paulo lidera mais uma vez os registros de violência política com 13 vítimas (16,3%), seguido por Bahia com 11 casos (13,8%), Paraná com sete (8,8%) e Espírito Santo com seis (7,5%). O Rio de Janeiro, estado que tradicionalmente ocupa as primeiras colocações no ranking da violência, desta vez se encontra na quinta colocação, ao lado de Mato Grosso e Pernambuco, com quatro casos cada (5%). No segundo trimestre de 2021, não foram encontrados episódios de violência contra lideranças políticas do Amapá, Goiás, Rio Grande do Norte e Roraima.

OS TIPOS DE VIOLÊNCIA

Pela primeira vez desde o início da publicação do boletim, os homicídios foram o principal tipo de violência. No segundo trimestre de 2021, 29 lideranças políticas brasileiras foram assassinadas, o que corresponde a 36,3% de todos os casos de violência no período. As ameaças surgem como a segunda categoria mais relevante, com 26 (32,5%). As tentativas de assassinato aparecem como a terceira categoria mais recorrente, com oito ocorrências (10%). Foram identificadas ainda uma morte e quatro ameaças contra parentes de lideranças políticas.

Gráfico 3: Tipos de violência contra lideranças políticas (2º trimestre de 2021)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Os tipos de violência variaram entre as regiões e os estados no segundo trimestre de 2021. Os homicídios, contra lideranças políticas ou contra seus parentes, ocorreram em 15 dos 27 estados brasileiros.

Tabela 1: Os Tipos de Violência contra Lideranças Políticas por Estados (2º trimestre de 2021)

	Agressão/ Agressão Familiar		Ameaça/ Ameaça Familiar		Atentado/ Atentado familiar		Homicídio/ Homicídio familiar		Sequestro/ Sequestro Familiar	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
AC							1	3,3		
AL			2	6,7			1	3,3		
AM			1	3,3						
BA	2	25,0	2	6,7	2	20,0	5	16,7		
CE			1	3,3			1	3,3		
DF			1	3,3						
ES			2	6,7	1	10,0	3	10,0		
MA					1	10,0				
MG			1	3,3			1	3,3		
MS					3	30,0				
MT	1	12,5	2	6,7			1	3,3		
PA	1	12,5					1	3,3		
PB			2	6,7			1	3,3		
PE							3	10,0	1	50,0
PI	1	12,5								
PR	1	12,5	1	3,3	1	10,0	3	10,0	1	50,0
RJ			1	3,3	1	10,0	2	6,7		
RO			1	3,3						
RS			2	6,7	1	10,0				
SC			1	3,3			2	6,7		
SE			1	3,3			1	3,3		
SP	1	12,5	8	26,7			4	13,3		
TO	1	12,5								

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

O Nordeste liderou com 12 assassinatos (40%), à frente do Sudeste com 10 (33,3%). Bahia com cinco (16,7%) e São Paulo com quatro (13,3%) foram os estados com o maior número de mortes. Rio de Janeiro, estado tradicionalmente violento, registrou duas ocorrências de homicídio no período, assim como Santa Catarina.

Em relação às demais formas de violência, as ameaças estiveram presentes em 16 estados, oito delas somente em São Paulo. Houve ainda tentativas de assassinato em sete estados, com destaque para Mato Grosso do Sul e Bahia. Por fim, as agressões se dispersaram por sete estados, com a Bahia se destacando negativamente mais uma vez com duas ocorrências.

AS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

Apesar do fim das eleições municipais e do início do ciclo eleitoral visando às eleições estaduais e nacionais, as lideranças políticas locais continuam sendo as vítimas mais atingidas pela violência. No segundo trimestre do ano, 36 vereadores e cinco prefeitos foram alvos de algum tipo de violência. Este pequeno grupo representa 51,3% de todos os casos observados no período. Quando acrescentamos os funcionários da administração municipal, antigos políticos e ex-candidatos a cargos municipais, o número aumenta para 86,3% do total das vítimas. Esse percentual é semelhante ao do trimestre anterior (84,2%), sinalizando que a violência política local é o padrão no cenário político brasileiro.

No trimestre, tivemos um caso de ameaça contra o presidente Jair Bolsonaro (feita por um vereador de Alagoas em suas redes sociais) e contra os senadores Otto Alencar (PSD-BA) e Renan Calheiros (MDB-AL). Ambos afirmam ter recebido diversas ameaças em suas redes sociais, telefones de trabalho e celulares pessoais por conta do desenrolar da CPI da Covid.

Somente a equipe do senador Otto Alencar (PSD-BA) relatou ter contabilizado mais de 15 mil ameaças.

Tabela 2: Perfil Político das Vítimas (2º trimestre de 2021)

Cargo	N	%
Presidente	1	1,3
Senador	2	2,5
Deputado Federal	3	3,8
Deputado Estadual	2	2,6
Prefeito	5	6,3
Vereador	36	45,0
Total Políticos	49	61,5
Funcionário da administração municipal	4	5,0
Total Funcionários da Administração	4	5,0
Ex-deputado federal	2	2,5
Ex-prefeito	1	1,3
Ex-vice-prefeito	2	2,5
Ex-vereador	8	10,0
Total Ex-Políticos	13	16,3
Ex-candidato deputado estadual	1	1,3
Ex-candidato prefeito	1	1,3
Ex-candidato vice-prefeito	1	1,3
Ex-candidato vereador	11	13,8
Total Ex-Candidatos	14	17,7

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

A violência contra lideranças políticas atinge, como nos trimestres anteriores, prioritariamente os homens. Dos 80 casos encontrados, os homens foram os alvos em 69 oportunidades (86,3%) e as mulheres em 11 (13,8%). Houve, em relação ao trimestre anterior (16,9%), uma pequena redução percentual da violência contra as mulheres, após o crescimento contínuo de casos de violência contra lideranças políticas do sexo feminino. Ainda assim, os casos de

violência de gênero neste segundo trimestre de 2021 superaram os do segundo trimestre de 2020 (6,1%).

Tabela 3: Perfil Social das Vítimas (2º trimestre de 2021)

	Frequência	Percentual
Feminino	11	13,8
Masculino	69	86,3
18 a 29	5	6,3
30 a 39	24	30,0
40 a 49	26	32,5
50 a 59	15	18,8
60 ou mais	10	12,5
Fundamental	13	16,3
Médio	26	32,5
Superior	37	46,3
Escolaridade não informado	4	5,0

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

A média de idade das vítimas foi de 44,7 anos, número que se mantém estável desde o início da série. A liderança política mais jovem tinha 23 anos e a mais velha 73 anos. Pelas faixas de idade, observa-se que a maioria dos casos se encontram entre 30 e 39 anos (30%) e 40 e 49 anos (32,5%).

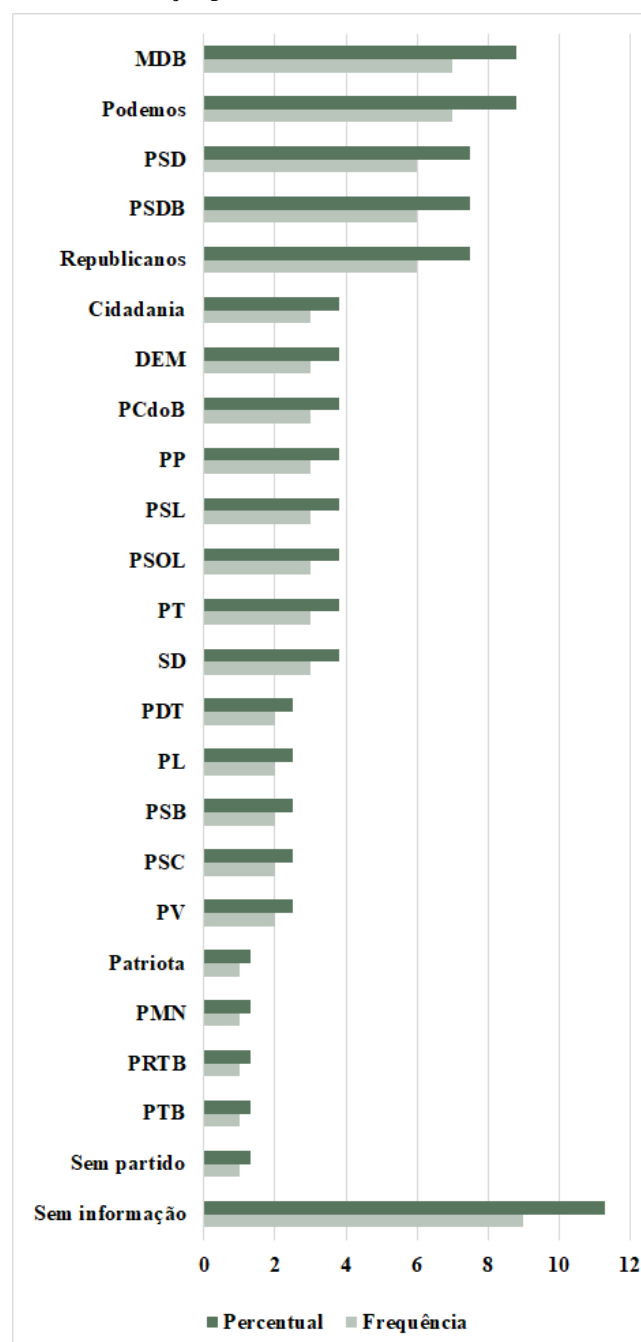
As lideranças políticas com o ensino superior completo ou incompleto continuam sendo as vítimas mais frequentes (46,3%), repetindo o padrão observado nos trimestres anteriores. As lideranças com ensino fundamental continuam sendo a minoria, representando apenas 16,3%. Os políticos com ensino médio completo ou incompleto somaram 32,5% dos casos. Não foi possível obter a escolaridade de quatro lideranças.

OS PARTIDOS POLÍTICOS ATINGIDOS

Lideranças de 22 partidos foram vítimas no segundo trimestre de 2021. Observa-se que a violência

atingiu partidos de todos os espectros ideológicos. Porém, houve maior concentração em lideranças de partidos localizados ideologicamente do centro para a direita, contrário ao trimestre anterior, quando o PT havia sido a vítima principal. Entre abril e junho de 2021, MDB, Podemos, PSD, PSDB e Republicanos somaram cerca de 40% de todos os episódios de violência. Não obtivemos informações sobre a filiação partidária de nove lideranças.

Gráfico 4: Filiação partidária das vítimas (2º trimestre de 2021)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

